

TODA A MEMÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Marcelino Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Ao contrário das artes e das ciências humanas, que apenas nas últimas décadas vêm dedicando maior atenção ao futebol, a imprensa brasileira despertou muito cedo seu interesse por esse esporte. A partir de meados da década de 1910, o futebol se tornou objeto de uma intensa produção jornalística e passou a ocupar um espaço de enormes proporções nos periódicos de grande circulação e nas publicações especializadas em esportes que, desde então, começaram a surgir. Ao seu modo, essa produção tomou para si a tarefa de registrar e interpretar a história do futebol no país, e até mesmo de investigar as razões pelas quais esse esporte adquiriu tanta importância na cultura brasileira. A maior parte desses textos, no entanto, foi publicada nas páginas efêmeras dos jornais e revistas e por isso não é muito conhecida.

Mas nem só de páginas perdidas se compõe a produção jornalística sobre o futebol brasileiro. Vários textos publicados inicialmente em periódicos foram mais tarde fixados em livros. E muitos outros, de caráter semelhante e escritos por jornalistas, foram originalmente publicados no formato de livro. Esse conjunto de publicações constitui, hoje, uma bibliografia bastante significativa e tem, naturalmente, os seus clássicos, as suas obras mais conhecidas e celebradas.

A maior delas é, com certeza, o livro *O negro no futebol brasileiro*, do jornalista Mário Filho. Escrito a partir dos artigos da coluna “Da primeira Fila”, mantida pelo autor no jornal *O Globo* na década de 1940, esse livro foi publicado pela primeira vez em 1947 e reeditado em 1964, com o acréscimo de dois novos capítulos. Articulando “causos” colhidos em entrevistas com jogadores, torcedores e cartolas com fatos de conhecimento público, memórias pessoais do autor e um pouco de criatividade ficcional, ele é um relato do processo de introdução e popularização

do futebol no Brasil. Nesse relato, Mário Filho enfatiza a trajetória dos jogadores negros e mulatos e a luta pela superação das barreiras raciais que impediam seu acesso aos principais clubes e ligas esportivas do país.

Visto com reverência pelos próprios jornalistas, *O negro no futebol brasileiro* obteve também uma grande repercussão na bibliografia acadêmica que, nas últimas décadas, se debruçou sobre o futebol e suas relações com a sociedade brasileira. A princípio, ele serviu como fonte de informações sobre a história desse esporte no país, recebendo um tratamento meramente documental. Em trabalhos mais recentes, no entanto, os estudiosos do futebol vêm percebendo que, por suas relações com o contexto em que foi escrito, sua complexidade textual e sua influência na cultura esportiva brasileira, esse livro não pode ser visto apenas como um documento. Entre esses trabalhos, dois textos colocam a obra de Mário Filho no centro das atenções e por isso devem ser mencionados.

O artigo “História e invenção de tradições no campo do futebol”, de Antônio Jorge Soares, é uma crítica à repercussão desse livro nos estudos sobre a história do futebol no Brasil. Para Soares, esses estudos estariam utilizando *O negro no futebol brasileiro* com pouco rigor metodológico e cometendo, por isso, graves equívocos em sua tarefa de fornecer uma visão informativa do passado. Em sua argumentação, o autor desenvolve a primeira tentativa mais cuidadosa de analisar esse grande clássico da bibliografia futebolística brasileira.

Nessa análise, os momentos da narrativa do livro de Mário Filho são identificados aos elementos estruturais do conto, conforme a descrição do formalista russo Vladimir Propp: uma situação inicial de “dano”, projetada no elitismo que impedia o acesso dos negros ao futebol; a “doação do objeto mágico”, configurada pela criação do estilo futebolístico brasileiro; a interposição de obstáculos à trajetória do herói, representada pelas dificuldades do negro em sua luta pelo acesso aos grandes clubes; e finalmente o triunfo do herói e a reparação do dano, com a

aceitação de negros e mulatos nos grandes clubes e o prestígio obtido por jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Nos dois capítulos acrescentados posteriormente, o ciclo se repetiria com o “recrudescimento do racismo” após a derrota brasileira na Copa de 50, a conquista da Copa de 58 e o surgimento de Pelé.

Inserindo nessa estrutura ficcional os inúmeros “causos” que conta em seu livro, Mário Filho teria operado um “deslocamento de foco”, através do qual todos os fatos teriam sido submetidos à ênfase na questão racial. *O negro no futebol brasileiro* não seria, portanto, um livro de história, no “sentido clássico”, mas um romance ou “crônica romanceada do futebol”. E sua visão mítica da história do futebol no Brasil seria uma expressão da ideologia da democracia racial e um instrumento de harmonização de conflitos sociais. Utilizando esse livro como um documento completo e objetivo, sem consultar outras fontes nem submetê-lo a um olhar comparativo, os estudos sobre a história do futebol brasileiro teriam incorporado esse viés nacionalista, tornando-se meras atualizações do mito de integração racial inventado por Mário Filho.¹

No artigo “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”, César Gordon Jr. e Ronaldo Helal fazem uma réplica às críticas de Soares. Mas essa réplica se limita às implicações do uso da obra de Mário Filho como fonte histórica. O argumento de Soares é criticado por se basear na noção de “fato histórico” e na exigência de comprovação documental, “reavivando conceitos que toda a ‘nova historiografia’ (...) esforçou-se em superar”. Apesar dessas discordâncias, Helal e Gordon Jr. endossam sem reservas a análise do livro realizada por Soares.² Assim, nos dois textos a descoberta da estrutura narrativa que insere os

¹ SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.23, p. 119-146, 1999.

² HELAL, Ronaldo & GORDON Jr. Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.23, p. 147-165, 1999.

“causos” do anedotário do futebol numa saga de afirmação racial acaba funcionando como uma chave que pretende explicar todo o livro e toda a sua repercussão no imaginário popular e na literatura acadêmica.

No textos em que apresenta as duas primeiras edições de seu livro, entretanto, o próprio Mário Filho acena com outras possibilidades de leitura. Na “Nota ao leitor” da segunda edição, o jornalista diz que o livro é um “ensaio” cujo objetivo é “fixar o processo (...) da democratização do futebol brasileiro”. Além de explicitar o ponto de vista do autor, essa afirmação também sugere uma opção consciente pela narração como método de trabalho. Sublinhando a diferença entre seu texto e a pesquisa histórica tradicional, o jornalista reconhece que a hipótese central de seu livro não é apresentada como tal, mas diluída na narrativa e de certa forma ocultada por ela. Já na “Nota ao leitor” da primeira edição, Mário Filho ressalta que seu livro é “uma obra que desafia a contestação”, pois seu conteúdo havia sido amplamente divulgado no jornal *O Globo* sem ter sido questionado. Seria, portanto, uma obra de história, ainda que de caráter jornalístico e não-acadêmico. Mas isso não implica numa ausência de reflexão teórica sobre a história. Declarando seu débito com as pessoas que entrevistou, o autor mostra uma visão crítica da objetividade e uma clara percepção do caráter interpretativo de qualquer reconstituição histórica.

Os documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito. Quem manuseasse os livros da AMEA (...) além dos relatórios da própria Confederação, não descobriria, em parte alguma, nada da luta do negro, se não entrasse na intimidade dos fatos. As atas, a correspondência dos clubes, não falam de negros. As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça.

Logo a seguir, Mário Filho coloca outra questão que complica ainda mais o debate. Seu método de pesquisa o levou a reunir um material extremamente volumoso, que ele pretendia utilizar exaustivamente no livro, mesmo que isso fosse um obstáculo para a demonstração de sua hipótese.

Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos, dos jornais que não dizem tudo. (...) O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhes, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo, numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. (...) Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas.³

A demonstração da hipótese de que o futebol brasileiro teria passado por um processo de democratização racial não era, afinal, o único objetivo de Mário Filho. O autor pretendia também reconstituir a tradição oral do futebol. A dificuldade em combinar essas duas metas sem distorcer a verdade dos fatos o leva a negar com veemência o uso de elementos ficcionais na composição de sua narrativa.

Diante dessa fragilidade dos limites entre história e ficção, que o próprio Mário Filho parece ver em sua obra, proponho que ela não seja lida como um romance ou “crônica romanceada”, e nem mesmo como um ensaio ou relato historiográfico, mas sim como um livro de memórias. De modo semelhante a certos textos memorialísticos, *O negro no futebol brasileiro* é uma luta contra a morte e o esquecimento, uma tentativa de evitar o desaparecimento de imagens do passado que não haviam sido registradas em documentos oficiais ou livros de história. Daí suas quase quinhentas páginas e seu tom cronístico, através dos quais o autor tenta presentificar um tempo que já se foi. Num movimento suplementar, Mário Filho quer reconstruir o passado por uma obsessiva adição de fragmentos condenados à incompletude. E nesse esforço, a imaginação tem certamente um lugar, preenchendo os vazios deixados pela memória e a estabelecendo conexões entre os fragmentos do passado.

³ RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O negro no futebol brasileiro*. 3.ed. Petrópolis: Fumo, 1994.

Nas próximas citações desse livro, será indicada apenas a página em que se encontra o trecho citado, no corpo de texto e entre parênteses. Os dois textos intitulados “Nota ao leitor” encontram-se em páginas não-numeradas.

Entre as duas metas perseguidas pelo jornalista, havia uma evidente contradição. A demonstração da hipótese da democratização racial demandava uma seleção do material. Diluída na narrativa, a interpretação deveria concretizar sua coerência na fluidez, de modo que os fatos compusessem, por si só, um movimento de relaxamento das tensões raciais. A reconstituição da tradição oral, por sua vez, solicitava a utilização do maior número de “causos” possível, não importando sua conformidade à hipótese que o autor queria demonstrar. A disputa entre os dois objetivos leva Mário Filho a um dilema muito comum no texto memorialístico. O memorialista quer reconstituir o passado e, ao mesmo tempo, interpretá-lo, dar a ele um sentido e uma unidade. Mas o passado é sempre complexo e multifacetado, rebelde a generalizações. Daí a linguagem mesclada e heterogênea, típica dos textos que se consagram a essa tarefa impossível.⁴

Esse dilema é ainda mais agudo em *O negro no futebol brasileiro*, pelo caráter eminentemente coletivo da tradição que Mário Filho queria fixar. Como mostra Halbwachs, a memória estritamente individual não existe, pois até as lembranças íntimas são ancoradas na memória dos grupos a que o indivíduo pertenceu.⁵ Entretanto, o livro de Mário Filho não é o registro da memória pessoal do autor ou de seus informantes. A tradição que o jornalista pretendia reconstituir havia sido construída coletivamente, segundo uma dinâmica de funcionamento simbólico própria, em que os sentimentos de pertencimento e os antagonismos sociais se articulam de modo complexo e contraditório. Com base em diferentes tipos de afinidade (o bairro, a profissão, a raça, a classe social, etc), os clubes criaram laços com grupos sociais distintos, cujos conflitos muitas vezes se projetaram em intensas rivalidades esportivas. Suas histórias passaram, então, a ser repetidas e recriadas por seus torcedores, tornando-se verdadeiras épicas de afirmação e legitimação grupal.

⁴ ARRIGUCCI, David. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.67-111.

⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

Assim, os “causos” que Mário Filho compilou em seu livro faziam parte de um repertório coletivo em que conviviam sentimentos, valores e sentidos conflitantes. Ao lado da épica vascaína, em que “a boa tradição portuguesa da mistura” converge perfeitamente com a hipótese da democratização racial, havia também o esnobismo do Fluminense, a rebeldia do Botafogo, as relações do Bangu com a comunidade de operários da Cia. de Progresso Industrial, etc. Como observaram Helal e Gordon Jr., os “causos” têm “uma força própria” que “transcende a tentativa de encaixá-los numa totalidade”. Por isso, muitos deles não aparecem no livro como provas unívocas de sua hipótese central, mas como exceções, complicações, ou mesmo como simples desvios que pouco ou nada têm a ver com essa hipótese. De um modo peculiar ao texto memorialístico, as partes estabelecem uma relação complexa e multívoca com o todo.

A história das rivalidades clubísticas, por exemplo, na maior parte das vezes se desenvolve em torno de antagonismos ligados a questões territoriais, e não à questão racial. Fala-se no “bairrismo tomando a forma de um clube”, no “bairro unindo, separando, criando fronteiras”. (18,19). E esse efeito de desencaixe está presente até mesmo nos episódios diretamente relacionados à trajetória de ascensão dos jogadores negros e mulatos. Muitos deles servem, por exemplo, como pretexto para a evocação de um discurso elitista que, do mesmo modo que a hipótese central do livro, também aparece diluído na narrativa. Como o episódio em que Leônidas da Silvas é chamado de “moleque, preto sem-vergonha, negro sujo” por não ter honrado um contrato com o América. (259). Existem ainda os “causos” em que a violência contra os jogadores negros é tão forte que faz com que a perspectiva de um relaxamento das tensões raciais pareça distante e impalpável. Como a história trágica de Monteiro, mulato orgulhoso e dedicado que atuava no Andaraí e morreu tuberculoso, dando sua vida pelo clube para provar seu valor, (112) e a trajetória turbulenta e patética do negro Fausto, um craque rebelde que abandonou o Vasco em uma excursão pela Europa e acabou morrendo na pobreza. (238,312).

Essa justaposição de uma moldura narrativa que conduz a interpretação do passado e de uma infinidade de episódios que preenchem essa moldura com um grau de encaixamento bastante variável é o mecanismo fundamental de funcionamento textual de *O negro no futebol brasileiro*. Nesse mecanismo, a possibilidade de inserção de histórias que não convergem com a lógica da moldura é tão importante quanto a própria moldura. É ela que faz com que o livro cumpra, de modo vicário, seus objetivos memorialísticos de interpretar o passado futebolístico brasileiro e oferecer uma visão de sua complexidade e da multiplicidade de perspectivas através das quais ele permaneceu na memória coletiva.

Portanto, é necessário admitir que é parcialmente correta a observação de que existe, no livro de Mário Filho, um esforço para fazer da história do futebol brasileiro uma narrativa de nação. Daí a importância que ele confere ao lugar de grande ídolo esportivo nacional, ocupado por Friedenreich em 1919, por Leônidas em 1938, visto como um “trono vazio” em 1950 e finalmente preenchido por Pelé, em 1958. Como o túmulo do soldado desconhecido, esse lugar realiza o que Bhabha chamou de “metáfora da comunidade nacional”, a metáfora do “muitos como um”, através da qual a nação pode ser vista como um corpo único e indiviso.⁶

Assim, *O negro no futebol brasileiro* pode realmente ser visto como um discurso pedagógico que busca construir uma memória nacional, um conjunto de lembranças compartilhadas por toda a comunidade para legitimar sua coesão social. Mas a memória nacional também depende do esquecimento. Para construí-la, é preciso apagar a lembrança de certos acontecimentos que revelam a violência e os conflitos que estão na origem da nação. Como mostra Pollak, quando a recordação desses acontecimentos vem à tona, a memória nacional é abalada e as bases simbólicas da nação são submetidas a um processo de negociação e

⁶ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 198-238.

reorganização.⁷ E, como vimos, o livro de Mário Filho não omite, e até mesmo enfatiza, certos momentos de conflito e violência da história do futebol brasileiro. Nesses momentos, a rigidez da memória nacional dá lugar a outras vozes, cujos discursos não podem ser reduzidos a uma saga de afirmação racial.

Comentando a obra dos memorialistas do modernismo mineiro, Wander Melo Miranda mostra que nem sempre o discurso memorialístico está engajado com o projeto de “construir uma nação e dar a ela uma identidade cultural”. Articulando as lembranças coletivas de uma perspectiva pessoal, ele pode desestabilizar a memória nacional, “abrindo brechas para outras possibilidades de articulação identitária”. Para operacionalizar essa perturbação, o autor elabora a idéia de “fronteiras internas da nação”:

O discurso minoritário assinala a existência de fronteiras internas, que demarcam o espaço heterogêneo da identidade a ser compartilhada. A identificação resulta, pois, num movimento dual de estreitamento e alargamento das fronteiras culturais, tendo em vista os ‘territórios’ a serem cedidos ou conquistados (...). Nesse sentido, a integração nacional passa a depender mais da agonística dos valores em jogo na cena social do que das estratégias postas em funcionamento pelo aparato ideológico do Estado.⁸

Tentando reconstituir um passado complexo e multifacetado e fixar uma tradição heterogênea, o livro de Mário Filho acaba abrigando vozes performativas, que desestabilizam o discurso da pedagogia nacionalista e demarcam as “fronteiras internas da nação”. Assim, a nação só se realiza, em *O negro no futebol brasileiro*, de uma forma liminar, como uma negociação permanente entre os diferentes sentidos postos em jogo no imaginário futebolístico. A própria pedagogia nacionalista que o jornalista constrói a partir da hipótese da democracia racial já é

⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

⁸ MIRANDA, Wander Melo. As fronteiras internas da nação. *Anais do 5^o Congresso da Abralic. Cânone e contextos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. p. 418.

fruto de uma reorganização dos sentidos e valores que se projetaram no futebol ao longo de sua história no Brasil. Houve, no curso dessa história, uma mudança no papel estratégico desempenhado pelo discurso que relaciona o negro e o futebol. Num primeiro momento ele foi um discurso minoritário, que reivindicava para o negro um lugar na sociedade, e só depois ele se tornou um discurso hegemônico através do qual se realizou o alargamento das fronteiras culturais da nação e a domesticação de seus conflitos raciais.

O livro *O negro no futebol brasileiro* desempenhou, certamente, um papel importante nessa mudança, cristalizando uma visão mítica da história do futebol brasileiro e ajudando a construir as bases simbólicas que sustentaram a nação em um determinado momento de sua vida política. Mas, em seu esforço memorialístico, ele também manteve em circulação outras forças simbólicas que podem, em algum momento, desestabilizar o mito. No esporte como na política, a vitória é sempre provisória. Como disse o próprio Mário Filho, foi só “no instante de suprema humildade” que antecedeu a fatídica final da Copa de 50 que os brasileiros se lembraram que “um jogo é um jogo é um jogo”, que “tudo pode acontecer num jogo”. (406). Quando a bola voltar a rolar, o resultado poderá ser diferente e os herdeiros de Mário Filho poderão reescrever toda a memória do futebol brasileiro.